



TRANSEGUN: DISPOSITIVOS PARA PENSAR HIV/AIDS POR MEIO DA DRAMATURGIA.

Eixo Temático EIXO 35 - RESISTÊNCIAS E SUBVERSÕES INVENTIVAS NO TEATRO, NA DANÇA E NA PERFORMANCE: INTERFACES ENTRE SEXUALIDADES E GÊNEROS NAS ARTES DA CENA / AXIS 35: INVENTIVE RESISTANCES AND SUBVERSIONS IN THEATER, DANCE, AND PERFORMANCE: INTERFACES BETWEEN SEXUALITIES AND GENDERS IN THE PERFORMING ARTS.

Caio Chaves Faria ¹

RESUMO

Esse presente trabalho tem como objetivo analisar as relações entre racialidade e a AIDS no contexto dramático, por meio do texto *TRANSEGUN* (1991), do escritor e poeta mineiro Cuti (1951 -), pseudônimo de Luis Silva, e um dos principais nomes da literatura negra afro-brasileira, tendo uma produção que inicia-se no final da década de 1970 em diversas publicações dedicadas a literatura negra que e tem continuidade até os dias atuais. A obra que será analisada nessa comunicação está presente na coletânea de textos dramáticos do autor, chamada *Dois Nós na Noite* (1991), compilando a sua produção como dramaturgo durante a década de 1980 e os primeiros anos da década de 1990.

Palavras-chave: Dramaturgia; Negritude, AIDS, Gênero, Decolonialidade.

¹ Mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP, caiooba1995@gmail.com;

Na obra dramática *TRANSEGÊN*, publicada originalmente como uma coletânea das obras dramáticas de CUTI, pseudônimo de Luis Silva (1951 -), no livro *Dois Nós Na Noite* (1991) somos apresentados a um grupo de teatro do movimento negro e seus confrontos em torno de gênero, sexualidade e raça na qual Aldo, personagem que assume um protagonismo determinante não é quase visto pelas outras personagens, surgindo como uma espécie de espectro do texto teatral. O qual “Nos demais quadros tem função simbólica. Não é, portanto, visto pelas demais personagens” (CUTI, p. 27, 1991). A presença/ausência dessa personagem pode ser vista pelo papel na qual ele assume durante o texto, ele é a ligação entre todos os demais personagens. E o porquê? Aldo promove uma ruptura no grupo de teatro onde é um dos principais participantes ao ser contagiado pelo vírus do HIV e sua morte, revelando todas as contradições inerentes ao discurso promovido pelo grupo de inclusão e combate ao preconceito racial e gênero, formado quase que exclusivamente por pessoas negras, revelando à problemática de aceitação das diferenças e de como o HIV e a AIDS eram vistos no contexto inicial da doença.

METODOLOGIA

Para dialogar com essa questão, o trabalho do militante gay, também mineiro, Herbert Daniel (1946 – 1992) torna-se fundamental ao documentar e analisar as condições da percepção da doença por meio da mídia e de como a sociedade reagia a essa doença ainda estranha e condicionada a um grupo majoritariamente discriminado socialmente, como a população LGBTQIA+, principalmente os homens gays ou bissexuais. Importante frisarmos que Herbert Daniel assume sua condição de soropositivo, em plena década de 80. O texto assume termos pejorativos veiculados pela mídia hegemônica do Brasil como Peste Gay. “[...] A caracterização prévia da epidemia (no Brasil, como em muitas outras partes do mundo) como uma doença exclusiva de homens homossexuais (“uma espécie de praga gay”) tem-se demonstrado nitidamente incorreta [...] (DANIEL, p. 103, 1990, grifos do autor). A Peste gay foi um termo depreciativo e estigmatizante que surgiu nos primeiros anos da epidemia de HIV/AIDS. Nos anos 1980 e início dos anos 1990, havia uma falta de compreensão sobre a

**IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade**
V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Cidadania
transmissão do HIV, e a doença, supostamente, de homens gays, usuários de drogas injetáveis e outros grupos marginalizados. Isso levou à disseminação de desinformação e discriminação contra a comunidade LGBTQIA+gay, já que as pessoas associavam incorretamente a AIDS apenas à homossexualidade.

É crucial evitar o uso de tais termos, pois perpetuam estereótipos nocivos e não refletem com precisão a realidade da transmissão do HIV. É simbólico pensarmos que o processo que o grupo teatral enfrenta após a morte de Aldo, a qual ocorre de maneira misteriosa, pois na qual nenhum dos participantes realmente procura explicitar, por medos ou receios. No entanto, Mais todos são obrigados a serem confrontados com a doença e suas complexidades na época (início da década de 1990), ao terem que escolherem um novo substituto para representar o papel que Aldo faria no espetáculo do dia 20 de Novembro, data comemorativa que marca o dia da Consciência Negra em nosso país, tendo como pilares as figuras históricas de Zumbi dos Palmares e sua companheira Dandara. E a solução encontrada por uma das líderes do grupo, Zélia, mulher negra e casada com um homem branco, Romildo, é que seu maridoa qual ela sugere que ocupe o lugar de Aldo na montagem teatral. Para Paula (2015, p. 74) “A substituição deste por um ator branco (Romildo) desencadeia uma crise identitária que tem como foco o questionamento da construção da memória étnica e cultural do grupo”.

A imagem de Aldo fica presente a partir do quarto quadro do drama quando por meio da didascália que abre o texto, sua condição. “Aldo tem aparência debilitada, porém luta para reagir” (CUTI, p. 50, 1991). E no jogo das falas entre Aldo e a personagem Helen, fica claro o caráter contestador e irônico da personagem, principalmente ao ser confrontado com os papéis endereçados a uma performatividade da masculinidade negra, sendo um conceito que se refere à forma como os homens negros experimentam e expressam sua identidade de gênero, levando em consideração sua etnia e as complexidades associadas à sua experiência racial. Essa ideia tem suas raízes na luta histórica dos homens negros contra a opressão, a discriminação e os estereótipos que foram perpetuados ao longo dos séculos.

A masculinidade negra é influenciada por diversos fatores, incluindo a história da diáspora africana, o racismo estrutural, o legado da escravidão e o processo de empoderamento cultural e político. Algumas características comuns associadas à masculinidade negra incluem resiliência, força, senso de comunidade, expressão artística e conexão com a ancestralidade. É importante destacar que a masculinidade negra não é uma entidade fixa e nem imóvel, e cada homem negro tem sua própria experiência e identidade única. Existem diversas formas de expressar a masculinidade, e não devemos cair na armadilha dos estereótipos ou generalizações o qual a personagem de Aldo revela. A diversidade dentro da comunidade negra deveria ser vasta e rica, porém não é assim que ocorre essa representação.

Ao compreender que o homem negro, não está desligado de sua “raça”/cor ao ser lido socialmente pela sociedade colonial é preciso pensar o que essa sociedade definiu sobre o que é ser “Homem” e sobre o que é ser um homem negro, e isso já possuiu consigo as implicações que tratamos anteriormente, que são gestadas a partir do tráfico transatlântico de humanos e da escravização de africanos/as no território invadido e ocupado de Pindorama pelos europeus. Em oposição as construções que estão pautadas no essencialismo negativo, que coloca o homem negro como objeto e submisso ao olhar colonial e de como este o define, desde papéis de emasculação e submissão, ao do corpo negro dotado de uma virilidade sexual animalesca e de um pênis de proporções macrofálicas e/ou é o preguiçoso, vagabundo, marginal, irresponsável e estuprador, busca-se construir uma imagem de masculinidade que possa refletir a masculinidade supremacista branca [...] (BARRETO, p.09, 2022).

Aldo é provocado por Helen para responder algumas perguntas em que são contestados os lugares dos corpos negros masculinos e também da questão da AIDS, ainda subentendida no contexto de uma incompreensão, como podemos ver nas falas abaixo.

HELEN – (Rindo) Você acredita em Deus?

ALDO – Eu não. Deus é macho, machão. Se não obedecer, ele senta o pau. E sem carinho nenhum. Ah, isso não bem nem no bumbum. Acredito sim, no Espírito Santo, meu pai Oxalá. Muita diz que é homem, mais não sabe que pro orixá tanto faz ogó (Gesticula) quanto faz (Gesticula) idi. Não vê a minha mãe de santo? Uma negrona gostosa que só. Oxalá, minha filha!



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade

Gênero, Saúde e Sustentabilidade

HELEN – Está bem. Se não quer abrir o jogo pode ficar fechadinha. Sabe, nós femininas temos mais dificuldade de encontrar a identidade. Não vê agora, o tal 20 de Novembro? Zumbi! Machão. Em qualquer cartaz é aquela tora de homem. Vê se alguém descobriu o aniversário de morte de Dandara, Acotirene...Ninguém. Ah, mais eu ainda vou montar um espetáculo com um Zumbi lindamente guei. Bem bicha mesmo! Pra fechar o comércio e paralisar o Movimento Negro. Quero dar risada até, de ver o corno do Justino tendo um infarto e o doutorzinho correndo para abrir processo “pela ofensa a um vulto histórico..” (ri)

ALDO – Fala “homem” com menos ênfase, por favor.

HELEN – Meu Oxumaré!

ALDO – Está bem. Se não quer abrir o jogo pode ficar fechadinha. Sabe, nós femininas temos mais dificuldade de encontrar a identidade. Não vê agora, o tal 20 de Novembro? Zumbi! Machão. Em qualquer cartaz é aquela tora de homem. Vê se alguém descobriu o aniversário de morte de Dandara, Acotirene...Ninguém. Ah, mais eu ainda vou montar um espetáculo com um Zumbi lindamente guei. Bem bicha mesmo! Pra fechar o comércio e paralisar o Movimento Negro. Quero dar risada até, de ver o corno do Justino tendo um infarto e o doutorzinho correndo para abrir processo “pela ofensa a um vulto histórico..” (ri)

ALDO – Só que acho que se correr o bicho pega, se ficar o bicho come.

HELEN – Ou a bicha.

HELEN – Saí logo dessa cama, sai, Aldo. Você não fica bem de repouso.

ALDO – Não é repouso. É pouso forçado. Nove fora, vai se embora que eu estou cansada de rodar nesse papo furado. (CUTI, p.51 – 53, 1991).

Os diálogos de Aldo revelam uma contra narrativa ao discurso oficial do movimento negro e a valorização da figura masculina em detrimento da feminina. O que podemos trazer com Lélia Gonzalez, em seu texto *A mulher negra na sociedade brasileira: Uma abordagem político-econômica* (2021), que “Ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam num nível mais alto de opressão” (p. 50). A ausência das referências e celebração das figuras femininas negras marca outro traço importante para ser pensada e discutida a questão de suas masculinidades e machismos dentro de um próprio movimento que planejava de maneira contundente combater as opressões que estavam/estão submetidas. Em Grada Kilomba podemos ver a abordagem sobre a mulher negra e as questões de um olhar perpassando a alteridade, como no livro *Memórias da Plantação* (2019):

Podemos pensar que dentro de uma sociedade colonial que se baseia em relações de gênero e étnico-raciais hierarquizadas, homens negros que buscam reivindicar uma masculinidade satisfatória precisam produzir um sujeito que habite a zona do não-ser, criando assim na mulher negra, que



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

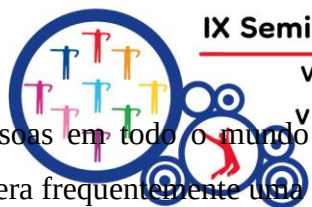


congrega a **Gênero, Saúde e Sustentabilidade** uma sociedade patriarcal e colonial, mulher e negra, alguém que possa ser ao mesmo tempo colocada num lugar de negação de sua subjetividade e que possa ser dominada, a qual este homem negro possa se afirmar como habitante da zona do ser, mesmo que de forma incompleta, pois a única coisa que este tem em similar ao habitante pleno da zona do ser [...] Mulheres negras têm sido, portanto, incluídas em diversos discursos que mal interpretam nossa própria realidade: um debate sobre racismo no qual o sujeito é o homem negro; um discurso genderizado no qual o sujeito é a mulher branca; e um discurso de classe no qual “raça” não tem lugar. Nós ocupamos um lugar muito crítico dentro da teoria. (KILOMBA, p. 37-38, 2019).

A ausência de mulheres negras na história é um fenômeno que reflete o viés histórico e a discriminação sistêmica que as mulheres negras enfrentaram e ainda enfrentam em muitas sociedades ao redor do mundo. Ao longo dos séculos, a história foi frequentemente escrita e documentada por homens brancos, resultando em uma representação inadequada e sub- representação das contribuições e experiências das mulheres negras. As mulheres negras desempenharam papéis fundamentais em diversas áreas da história, mas essas contribuições muitas vezes foram ignoradas ou apagadas. Elas estiveram presentes em movimentos de resistência à escravidão, como líderes em comunidades durante a segregação racial e como ativistas na luta pelos direitos civis. Outro ponto a ser destacado no diálogo entre Aldo e Helendiz respeito a condição de saúde dele, no caso, aparentemente a personagem já está com AIDS, sobre essa questão é importante salientar a discrepância:

Em meio a população mais atingida pelo vírus identifica-se os homo/bissexuais masculinos, em especial os negros, como grupo notadamente acometido, sendo importante a compreensão do processo de determinação social que influencia na vulnerabilidade deste grupo. A vulnerabilidade em saúde do homo/bissexual masculino negro ao HIV/aids é multifacetada, relacionando-se diretamente com as condições que o mesmo apresenta diante da realidade em coletivo e sua subjetividade, perpassando por questões de classe social, gênero, raça/etnia, orientação sexual, composição etária, e outros (BEZERRA, p.15, 2022).

A saúde debilitada de Aldo o faz refletir sobre seu papel como um homem negro e admitir que o que estava vivenciando no início década de 1990 época em que ocorre a ação dramática, foi um período crucial na história da epidemia de AIDS. Nessa época, a AIDS já era reconhecida como uma das maiores crises de saúde pública global, e milhões



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

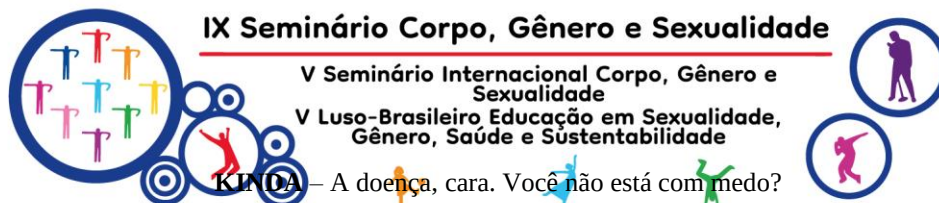


de pessoas em todo o mundo estavam sofrendo. Nos anos da epidemia, a AIDS era frequentemente uma sentença de morte. Os tratamentos antirretrovirais, como a terapia combinada, ainda estavam em estágios iniciais de desenvolvimento, e muitos pacientes não tinham acesso a esses medicamentos. Isso resultou em uma alta taxa de mortalidade entre as pessoas que viviam com o HIV/AIDS com o vírus do HIV e suas consequências mortais.

O estigma também dificultava a conscientização sobre a doença e a implementação de programas de prevenção e tratamento eficazes. “É preciso entender como dor, doença e morte são tratadas dentro de uma sociedade autoritária para uma certa domesticação dos corpos” (HERBERT, p. 117, 1991). A ideia de “pouso forçado” na qual Aldo refere-se tem muito haver com a questão do momento na qual ele se observa como realmente portador de uma doença incurável e sem um tratamento efetivo, embora a personagem deixa a entender que seria uma situação temporária e que em breve recuperaria suas atividades anteriores. Ao pensarmos sobre essa questão somos confrontados no Quinto Drama da peça com a personagem Kinda que finalmente questiona publicamente junto aos participantes do grupo de teatro negro a causa de morte de Aldo.

“**KINDA** - Já. E quer saber? Duma coisa? Eu acho que a morte do Aldo está muito mal contada”. (CUTI, p. 54, 1991).

Junto a Kinda está Bendelê, um homem negro na casa de seus 30 anos. E Kinda o provoca, porque na festa de ano novo, ele confessou ter transado com Aldo, porém Bendelê desconversa com uma simples flertada, o que o deixa profundamente desconfortável como a revelação que Kinda sabia que ele não era homossexual, como acreditavam anteriormente. Podemos inferenciar que o personagem pode representar uma repreensão sexual ou homofobia internalizada. Antunes (2016) nos esclarece que “Caso o sujeito assuma sua orientação sexual, existe a possibilidade de passar por consequências negativas, tais como: problemas sociais, legais, profissionais, econômicos e familiares (p.147). O problema agora se agrava porque Kinda questiona o motivo de Bendelê não ter feito o teste de HIV.



KINDA – A doença, cara. Você não está com medo?

BENDELÊ – (Acende um cigarro, tremendo) Não por mim. Não há possibilidade. Foi uma bobageira do Aldo ficar me apalpando. Não houve nada. Mas... [...]

KINDA – Eu quero você se cuide, cara. Você precisa fazer um exame. [...]

Você sabe. Essa doença já chegou perto de mim uma vez. Um colega de serviço. Te contei. Um probleminha aqui, gripe. Outro ali, pneumonia...E depois, tão rápido foi definhando, se acabando...É difícil, muito mais difícil aceitar a morte assim. Você não pode imaginar a carta que Aldo me escreveu. Eu lembro de uma frase: “Sei que vou morrer, mas voltarei flor pra te enfeitar o cabelo e perfumá-lo com toda a crespitude do meu espírito” (CUTI, p. 53-54, 1991).

A questão da estigmatização da doença e a incompreensão da necessidade de se realizarem testes faz com que possamos pensar que Bendelê não considerava realmente a necessidade de contágio do HIV por não fazer parte da comunidade LGBTQIAPN+ como Aldo, sendo uma doença endereçada a esse público. Mesmo quando Kinda, que é uma personagem feminina, aponta uma situação similar e em uma relação heterossexual. A negativa de Bendelê continua nas seguintes falas do texto, exercendo um papel predominante do que seria considerado masculino dentro daquele grupo ou performatizando uma masculinidade, que por vezes, é falsa. Podemos pensar que “A estrutura da vida sexual brasileira tem sido tradicionalmente concebida nos termos de um modelo centrado na relação entre as práticas sexuais e papéis de gênero, ou seja na polaridade entre a atividade masculina e a passividade feminina” (DANIEL, p.62, 1991). Aldo contesta a ideia de masculinidade na qual Bendelê performatizaria o padrão heteronormativo, mantendo uma discrepância e também pela doença na qual Aldo veio a falecer, ressalta possivelmente uma negação do próprio desejo não heteronormativo.

A construção da experiência sexual não heteronormativa pode, também, caracterizar-se por um encontro de modelos culturais alternativos que conferem ao sujeito uma imagem positiva da homossexualidade, permitindo ao indivíduo “assumir-se” (fazer o coming out) em todas ou apenas algumas plataformas (família, trabalho, amigos, vizinhos) ou, mesmo sem esta revelação, viver a sua identidade sexual de forma politicamente ativa (POLICARPO, p.558, 2016).



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero e Saúde



Aldo representaria, para Silva (2015), o objeto de desejo e de prazer para todo o grupo. Já que a personagem acaba sendo o elo que se relacionava sexualmente ou não, com quase todos os membros do grupo. Sendo revelado inclusive que “Aldo faz parte do imaginário e da fantasia de todos integrantes do Viva: seu talento faz falta, seu charme faz falta, seu corpo (num sentido amplo) faz falta ao grupo” (SILVA, p.85, 2015). E a ausência de Aldo e sua morte revelam as dores: “de a aids é concebida de maneira pré-moderna como uma doença provocada pelo indivíduo enquanto tal e enquanto membro de algum “grupo de risco (SONTAG, p.94, 2007).” E a morte de Aldo é justificada pelo comportamento considerado promíscuo na visão dos componentes do grupo, que não observavam que tinham as mesmas práticas sexuais de Aldo, porém o estigma cai sobre ele pela sua orientação sexual e por esse uma doença considerada exclusivamente do público gay. “O estigma que recai sobre homossexuais pode manifestar-se de várias maneiras: uma delas vincula a sexualidade à transmissão de doenças. Não só a AIDS, mas também a outras enfermidades, como sífilis e gonorréia” (LOPES, p. 50128, 2021). Ao chegarmos perto do final da peça, descobrimos que praticamente todo o elenco mantinha/manteve envolvimento sexualmente e afetivo com Aldo durante a estada dele no grupo e as questões como raça, gênero e enfermidade discutidas de maneira aberta pela primeira vez entre as personagens, mesmo que isso promovesse uma ruptura do trabalho desenvolvido até aquele momento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Embora o contexto no qual o autor, Cuti, escreva esse drama no início da década de 1990, tenha mudado gradativamente com o tratamento médico adequado e desenvolvido por meio de novos estudos da indústria farmacêutica. Sendo o Brasil referência mundial nesse aspecto, com o coquetel retroviral de acesso gratuito e democrático a todos os portadores dessa enfermidade.

Atualmente, o HIV e Aids já não se configuram como doenças fatais e que promoveriam dismorfia corporal evidente, que era um dos sintomas mais evidentes quando falamos dos primeiros anos do HIV/AIDS no Brasil. Porém, infelizmente as



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro. Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade



marcas do estigma da doença ainda ligadas à sexualidade de LGBTQIA+, mesmo que estudos mais recentes que as taxas de infecção são maiores ligados a população heterossexual, como mostram os estudos realizados por “Em relação às categorias de exposição, os homens heterossexuais representam 49% dos casos, os homossexuais 38% e os bissexuais 9,1%” (Knauth, Daniela Riva et al, p.02, 2020). A personagem Aldo assume nessa peça um papel de contestação aos valores vigentes do grupo de teatro e que mesmo após sua morte, sua presença é sentida e necessária para o desenvolvimento do trabalho. Essa personagem tensiona as ideias de raça, gênero, assumindo um lugar de vulnerabilidade por meio do contágio pelo vírus HIV e mesmo assim esperançoso de recuperar-se e retomar suas atividades, o que infelizmente não é possível. Talvez se pensarmos em uma reescrita dramática, a morte não fosse um componente para a personagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse texto vimos como a relação entre dramaturgia, raça e gênero estão unidas por meio de discussões pertinentes a diversos fatores como por exemplo, as questões de masculinidade que o texto apresenta criticamente, a problemática racial e seus contornos nos afetos e nas relações contruídas entre o grupo de teatro. E a próprio hipocrisia de movimentos sociais em aceitaram dissidentes de gênero e de raça, no caso do Aldo e todas as porosidades que sua figura e vida trazem para o leitor. A observação crítica dessa obra e sua atualidade ainda revela que temos um longo caminho a percorrer em desmistificar de maneira concisa ideias e preconceitos pré concebidos sobre o HIV e a AIDS, servindo essa obra dramática como um exercício pedagógico das diferenças e suas contradições no âmbito cultural e social.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Aldeir de Oliveira. Masculinidade negra em debate: é possível pensar uma masculinidade negra feminista?. **Revista de História da UFBA**. v.10, nº2, p. 1-15, dez.2022.



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade

Gênero, Saúde e Sustentabilidade



BEZERRA, Jorge Augusto Borges. **Homossexualidade masculino negro ao HIV/AIDS: um retrato da realidade brasileira**. 2022. 134 f., il. Dissertação (Mestrado em Política Social) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

CALAZANS, G.; FACCHINI, R.. “Mas a categoria de exposição também tem que respeitar a identidade”: HSH, classificações e disputas na política de Aids. **Ciência & Saúde Coletiva**; Saúde Coletiva, v. 27, n. 10, p. 3913–3922, out. 2022.

CUTI. **Dois Nós Na Noite**. São Paulo: Eboh, 1991.

DANIEL, Herbert; PARKER, Richard. **AIDS, a terceira epidemia: ensaios e tentativas**. São Paulo, Iglu, 1991.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaio, Intervenções e Diálogos**. Rio Janeiro: Zahar, 2020.

Knauth, Daniela Riva et al. O diagnóstico do HIV/aids em homens heterossexuais: a surpresa permanece mesmo após mais de 30 anos de epidemia. **Cadernos de Saúde Pública** [online]. v. 36, n. 6 [Acessado 31 Julho 2023] , e00170118. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-311X00170118>>. ISSN 1678-4464. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00170118>.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Contemporâneo**. Rio de Janeiro, Cobogó, 2019.

Lopes, P. de O. (2021). HIV e AIDS, passado e presente: os gays como representação social da doença / HIV e AIDS, past and present: gays as a social representation of the disease. **Brazilian Journal of Development**, 7(5), 50122–50134. <https://doi.org/10.34117/bjdv.v7i5.30028>.

SONTAG, Susan. **Doença como metáfora / Aids e suas metáforas**. São Paulo, Companhia de Bolso, 2007.